timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO X PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 100 MAIO 1994

PEQUENAS CEDÊNCIAS

Em Genebra, Jacarta fez pequenas cedências, longe ainda de uma "solução aceitável". Mas o "Timor-questão-interna" passou à História.

Para alguns, os encontros entre os MNE de Portugal e da Indonésia sob o patrocínio do SG da ONU têm sido um marcar passo de que os timorenses têm pago uma pesada factura. Mas, em política, nem sempre o que parece, é.

MOMENTO FAVORÁVEL

O momento em que aconteceu o encontro de Genebra continha alguns elementos que o tornavam globalmente favorável à posição portuguesa.

Embora a situação no território se mantenha muito grave, como o atestaram as reportagens realizadas recentemente por jornalistas de várias nacionalidades que se deslocaram a Timor a convite de Jacarta, a Resistência timorense continua a afrontar politicamente o poder ocupante com inegável sucesso. Isso mesmo ficou bem demonstrado nessas visitas dos jornalistas estrangeiros, em que apesar das medidas de segurança conseguiu mostrar que as aspirações à liberdade continuam vivas no coração do povo timorense.

Por outro lado, têm-se multiplicado as expressões de solidariedade da sociedade civil indonésia na descoberta da importância que o problema de Timor tem para a construção de uma consciência democrática naquele país.

A repercussão que tiveram as manifestações dos jovens timorenses em Abril mostrou que existe um maior conhecimento e uma exigência maior a nível da opinião pública internacional, que já não se compadece com as afirmações retóricas dos responsáveis pela política indonésia.

Mesmo a nível de alguns Estados, e apesar do primado dos interesses económicos sobre os princípios, houve tomadas de posição encorajadoras. São disto exemplo a declaração da presidência grega sobre a venda de armas à Indonésia e a entrevista do MNE irlandês afirmando a sua disponibilidade para discutir a aplicação de sanções económicas a Jacarta.

UM PROBLEMA GLOBAL E COMPLEXO

De uma forma lenta, mas visível, o regime indonésio tem vindo a "amolecer" a sua inflexibilidade.

De "*questão interna*" há muito resolvida, o problema de Timor Leste é cada vez mais referido pelo poder instalado em Jacarta como "*questão complexa*" a ser solucionada no quadro das Nações Unidas. A "*pedra no sapato*" está a tornar o regime descaradamente coxo. Aos poucos, a Indonésia tem vindo a abrir a mão de posições que, ainda não há muito tempo, eram para ela intocáveis.

Depois de ter sido levada a aceitar, na ronda anterior, que o SG tivesse contactos com a parte timorense - uma entidade que, a nível das conversações, até aí não existia - a Indonésia teve que admitir agora a sua "*disponibilidade para se encontrar com responsáveis timorenses opositores à integração*".

Se este foi o ponto mais importante saído a público, outros dois contêm potenciais implicações futuras. São eles as visitas dos relatores da ONU - está prevista para Junho a visita do Relator Especial para as Execuções Sumárias, Extra-Judiciais e Arbitrárias - de acordo com a declaração consensual saída da última sessão da Comissão de Direitos Humanos, e a situação dos presos políticos timorenses, que o MNE Alatas garantiu que seriam "*tratados humanamente*", "*os seus direitos totalmente respeitados*" e que "*medidas apropriadas*" seriam "*tomadas visando uma libertação antecipada*".

Há que reconhecer que a questão timorense tem vindo a internacionalizar-se e, como sua consequência, os factores de que depende o seu desenrolar aumentam e tornam-se mais complexos. Visões caseiras, tão típicas na classe política portuguesa, estão cada vez menos adaptadas para dar resposta ao problema neste âmbito, cada vez mais global e complexo.

neste número:

PEQUENAS CEDÊNCIAS

PEREGRINAÇÃO ATRIBULADA

É PROIBIDO FALAR DE TIMOR

PEREGRINAÇÃO ATRIBULADA

Lopes da Cruz e amigos estiveram em Fátima. Para rezar. Mas por detrás das intenções religiosas havia objectivos políticos precisos: esquecer Timor.

A pretexto duma ida a Fátima, deslocou-se a Portugal um grupo de 41 peregrinos vindos de Timor, chefiados pelo embaixador indonésio Lopes da Cruz. A visita pretendia servir de balão de ensaio ao lançamento de iniciativas análogas, já anunciadas. A Indonésia, promotora do projecto, está a tentar banalizar um vai-e-vem de personagens (seleccionados a dedo), visando em última instância abrir as portas para a normalização de relações diplomáticas entre os dois países e para o esquecimento da questão de Timor Leste.

Tiveram ampla cobertura da comunicação social portuguesa os incidentes ocorridos no aeroporto de Lisboa. Menos documentadas na imprensa mas não menos significativas, foram as acções de protesto contra a visita verificadas noutras regiões do país.

AS PRIMEIRAS SURPRESAS

Vindo de Lisboa o grupo de peregrinos chegou a Leiria pouco antes da hora de almoço do dia 12 de Maio. Esperava-os uma primeira surpresa. Espalhadas pela cidade, em pontos estratégicos, várias faixas com inscrições alusivas a Timor davam as boas vindas aos visitantes, como uma primeira advertência de que a "peregrinação" não seria um fácil passeio turístico com benefícios seguros para a propaganda de Jacarta. Nas imediações do hotel três grandes faixas transmitiam as seguintes mensagens: «*Timor não é Indonésia*», «*Liberdade para Timor*», «*Liberdade para Xanana*», esta última visível dos próprios quartos onde se instalou a comitiva.

Uma segunda surpresa esperava os peregrinos. Durante grande parte da tarde do dia 12 de Maio, um carro de som circulou por Leiria, especialmente nas ruas contíguas ao hotel, transmitindo a canção *Timor* dos Trovante, pontualmente entremeada por diversas mensagens e palavras de ordem previamente gravadas, apelando, com objectivos diversos, à consciência e à sensibilidade dos diferentes elementos do grupo. Outras palavras de ordem demonstravam o repúdio pela presença em Leiria destes visitantes, exclamavam a solidariedade dos leirienses para com a resistência do Povo Maubere à ocupação indonésia, e reclamavam o direito à autodeterminação para o povo de Timor Leste.

Contrariando os prováveis objectivos propagandísticos que a Indonésia tiraria da presença destes especiais peregrinos na Cova da Iria, o Bispo de Leiria-Fátima D. Serafim Ferreira e Silva afirmou aos jornalistas relativamente às cerimónias dos dias 12 e 13 de Maio: «*Sei que não vou esquecer o passado de luto e de luta. Não vou esquecer irmãos meus que foram massacrados nestes 19 anos em território Maubere*». Anotando que não iria olvidar «*a luta, seja nas montanhas de Timor Leste, seja de outra maneira, nomeadamente na ONU*», concluiu: «*Vou rezar pela autodeterminação, pelos Direitos Humanos*» *em Timor Leste, mas, e sobretudo, vou rezar pela paz*».

Ao cair da tarde desenrolou-se a primeira manifestação à frente do hotel. Aproveitando a partida para Fátima dos peregrinos, um grupo de jovens timorenses e de estudantes da cidade exibiu-se diante do seu autocarro hasteando uma enorme faixa preta com a inscrição «*Rezemos juntos pelos 200 mil timorenses assassinados pela Indonésia*». Durante largos minutos, manifestantes e comitiva estiveram frente a frente sendo bem visível alguma satisfação de uma parte do grupo dos visitantes, em flagrante contraste com o semblante agastado de Lopes da Cruz e dos seus apaniguados, que esperariam uma presença em Leiria sem incómodos e perturbações. Aos punhos cerrados e "vês" de vitória dos manifestantes alguns elementos da comitiva responderam com sorrisos e o esboçar de acenos, necessariamente contidos pela indesejada presença dos agentes indonésios; em oposição à ira e ao mal estar bem perceptível entre os pró-indonésios.

À chegada ao hotel o grupo de peregrinos tinha de novo uma recepção simbólica de manifestantes, que vestidos de preto, guarnecidos com algumas faixas e recorrendo a um megafone, repetiram o seu desagrado pela presença de Lopes da Cruz e dos seus amigos. Após os visitantes se recolherem ao hotel o grupo de manifestantes permaneceu em vigília cerca de uma hora, diante do olhar curioso de alguns timorenses que a medo espreitavam da janela dos seus quartos, e sob a observação atenta e nem sempre discreta de alguns agentes de segurança.

SILÊNCIO E AMEAÇAS

O dia 13 de Maio começou em sobressalto para a comitiva indonésia. À saída para Fátima um grupo de cinquenta manifestantes concentrou-se junto ao hotel, bloqueando a passagem do autocarro. Lopes da Cruz foi vaiado e apodado com variados epítetos a que respondeu com um sorriso desconsolado. A chegada de vários carros da polícia, com agentes identificados e outros trajando à civil provocou a desmobilização dos manifestantes, sem que ocorresse qualquer acto de violência.

Em Fátima, por razões de segurança, os 41 peregrinos tiveram reservado o espaço da Colunata norte, destinado a peregrinos VIP. Como já vem acontecendo com outros altos dignitários da igreja, o Bispo de Leiria-Fátima, se fez as orações que havia prometido em favor de Timor, fê-lo de uma forma silenciosa e interiorizada, ao contrário do que desejariam os defensores da autodeterminação timorense.

Antes das celebrações do dia 13 de Maio terem sido iniciadas, haviam sido distribuídos, nas imediações do Santuário, 30 mil exemplares de uma «Oração dos Fiéis», escrita em português e em tétum. Paralelamente foram ainda distribuídos outros folhetos com um conteúdo histórico-político sobre a temática timorense, impressos em Português,

Francês e Inglês.

Breves minutos antes do Adeus à Virgem, Lopes da Cruz foi interpelado por uma mulher que agarrando-lhe os braços exclamou: «*O povo de Timor faz parte da comunidade portuguesa. Queremos a liberdade do nosso povo*», acrescentando: «*A mensagem de Fátima é uma mensagem de defesa do ser humano*».

Terminada a celebração, quando os elementos do grupo se encontravam no autocarro, um timorense e um português desfraldaram uma bandeira das FALINTIL. Os agentes da PSP reagiram com violência, perseguindo em corrida os dois manifestantes tentando capturar-lhes a bandeira.

ACÇÕES DEPLORÁVEIS

Mas estaria guardado para a noite do dia 13 a acção mais deplorável dos agentes de segurança. Para a noite desse dia estava planeada uma vigília e uma procissão frente ao Hotel. Apesar da chuva torrencial juntou-se um grupo de quarenta pessoas. Quando os manifestantes tomaram conhecimento de que Lopes da Cruz se encontrava a jantar num restaurante da cidade, bloquearam o acesso ao hotel com duas faixas móveis, numa das quais estava inscrita a seguinte frase: «*Timor Leste Livre, Já!*». Todos encapuzados com sacos de plástico negros que cobriam todo o corpo, os manifestantes aguardavam a chegada de Lopes da Cruz, apesar da chuva não abrandar. Deslocando-se em dois carros ligeiros, os agentes da segurança, transportando Lopes da Cruz, tentaram, pela força, obrigar os manifestantes a deixar passar o veículo onde seguia o embaixador de Suharto. Com a violência das sucessivas travagens e ameaças com os carros, pelo menos duas pessoas quase foram atropeladas. Uma hora depois os manifestantes desmobilizaram regressando a suas casas.

No dia 14 de Maio pelas 12 horas e 30 minutos, Lopes da Cruz e o grupo de indonésios que o acompanhavam participaram na celebração da Eucaristia, realizada na Capelinha das Aparições, do Santuário de Fátima. Um grupo de 9 jovens timorenses e 2 portugueses associaram-se à celebração, vestidos com camisolas negras, onde se podia ler a seguinte inscrição, em têtum e em português: «*Rezemos juntos pelos 200 mil timorenses assassinados pela Indonésia*».

A execrável acção dos agentes secretos voltou a repetir-se, sendo eles a perturbar o silêncio e a ordem que os manifestantes pretendiam conservar. Uma dezena de agentes da PSP, mais meia dúzia de agentes secretos, seguiam atentamente todos os gestos dos manifestantes, cuja acção se reduzia a participarem pacífica e religiosamente num acto de fé. Enquanto os guardas do Santuário nada fizeram quando uma das pessoas que assistia à Eucaristia abriu uma faixa onde estava inscrito «*Timor Sofre*», um dos agentes secretos irrompeu violentamente pelo meio dos fiéis, desapossando a manifestante do pano que trazia consigo. Outro agente da segurança de Lopes da Cruz tentou retirar as máquinas fotográficas que dois dos jovens timorenses traziam consigo, pelo facto destes terem feito algumas fotografias dos agentes.

Terminada a celebração eucarística o grupo saiu da Capelinha, permanecendo alguns minutos em conversa nas traseiras daquele lugar santo. Diante deles colocou-se o grupo de manifestantes, em atitude de total silêncio, exibindo apenas as inscrições das suas camisolas.

A comitiva partiu então para o autocarro que os levou de volta a Lisboa, encerrando assim a sua participação nas cerimónias do mês de Maio em Fátima.

Os objectivos propagandísticos dos peregrinos indonésios saldaram-se num total fracasso. Até uma bandeira indonésia que traziam consigo para hastear no Santuário não foi utilizada, dado o controlo de que foram permanentemente alvo por parte dos manifestantes. Lopes da Cruz sentiu claramente como a sua presença é indesejada em Portugal. E o povo timorense teve a oportunidade de compreender que em Portugal só os facínoras se vendem ao dinheiro indonésio.

PROIBIDO FALAR DE TIMOR

Um encontro sobre Timor Leste organizado por estudantes indonésios foi proibido pelas autoridades no passado dia 24 de Abril.

Segundo o jornalista da *Reuter* que se encontrava presente, cerca de 100 pessoas, entre as quais destacadas figuras de defesa dos direitos humanos como o académico George Aditjondro, reunidas na sede da Fundação Pijar em Jacarta, viram a sessão ser interrompida pela polícia, uma hora depois de se ter iniciado, que invocou a falta de licença para a sua realização.

O presidente desta Fundação, Nuku Soleiman, foi recentemente condenado a quatro anos de prisão por "*difamação do Chefe de Estado*". Nuku foi preso durante uma das numerosas manifestações ocorridas em finais do ano passado em Jacarta por distribuir panfletos responsabilizando Suharto pelas várias violações de direitos humanos praticadas pelas forças de segurança.

Com este encontro os organizadores pretendiam dar as boas vindas a Virgílio Guterres, um jovem timorense condenado a dois anos e meio de cadeia por ter participado na manifestação de 19 de Novembro de 1991 na capital indonésia em protesto contra o massacre de Santa Cruz e agora libertado após o cumprimento da pena.

O aparecimento da polícia não impediu, no entanto, a continuação da confraternização e da troca de opiniões pois, enquanto os dirigentes da Fundação discutiam com os "cívicos" a necessidade ou não de autorização para o encontro, os participantes continuaram a dialogar em volta do "tumpang", um prato especial preparado em honra de Guterres.

Também um seminário previsto para ter lugar em Dili nos dias 4 e 5 de Maio foi proibido pelo comandante militar da região de Udayana - que integra Timor Leste - que invocou a possibilidade de ser criada instabilidade e a dificuldade em controlar os convidados vindos de fora e os jornalistas estrangeiros que se deslocariam ao território para cobrir o acontecimento.

O seminário, organizado pela Universidade de Timor e pela ELSAM (Lembaga dan Advokasi Masyarakat), uma organização indonésia de advogados virada para os direitos humanos, versaria o tema "*Por um Desenvolvimento Ambiental Sustentado*".

Foi a primeira vez que ONG indonésias tentaram realizar um seminário deste tipo e âmbito em Timor Leste.

INDONÉSIA: O VERDADEIRO ALVO

Yeni Damayanti, uma jovem estudante condenada por insultar o Presidente Suharto, ao semanário *Editor*:

"A principal razão porque fomos presos não foi por insultarmos o Presidente mas porque tocámos na mais sensível de todas as questões. Isto é, a da segurança e a da necessidade do desmantelamento do Bakorstanas [agência de informações controlada pelos militares]. *A questão do desmantelamento do Bakorstanas nunca tinha lido levantado abertamente numa manifestação (...). O nosso objectivo nunca foi o Presidente. Mas o Bakorstanas foi criado por um decreto presidencial. O Presidente dissolveu o Kopkamtib e substituiu pelo Bakorstanas, que tem o mesmo comportamento repressivo."*

O grupo de que fazia parte Yeni foi condenado a 6 meses de prisão, uma pena inédita - pela sua leveza - na Indonésia para este tipo de "crimes". Sinal, segundo alguns observadores, dos novos tempos políticos que se vivem naquele país.

SUIÇA: NOVO GRUPO DE SOLIDARIEDADE

Mais um grupo solidário com a causa do povo timorense nasceu em Genebra, o *Urgence Pour l'Independance du Timor*.

Criado no dia 4 de Fevereiro deste ano, teve a sua primeira acção pública no dia 6 de Maio, data do encontro dos MNE de Portugal e da Indonésia naquela cidade, ao organizar uma manifestação defronte do Palais des Nations onde decorria o encontro. À iniciativa associaram-se várias personalidades daquele país - entre as quais o deputado e conhecido sociólogo Jean Ziegler - e ONG (a secção suíça da Amnistia Internacional, o Bruno Manser Funds, etc.).

BENIN: PARA MANDELA

Agora, em África, já não é só em Moçambique que existe solidariedade com Timor.

Em Dezembro do ano passado foi criado no Benin a *Association Beninoise pour un Timor-Est Independant.*

Esta organização, aproveitando a eleição de Nelson Mandela para o cargo de Presidente da República da África do Sul, enviou-lhe uma carta onde lhe pede que acompanhe a situação do Comandante Xanana Gusmão e dos outros presos políticos timorenses e desenvolva esforços para levar o governo da Indonésia a libertar incondicionalmente aqueles resistentes timorenses.

NOVA ZELÂNDIA: ACÇÃO PARLAMENTAR

Uma petição, assinada por 51 deputados neozelandeses, foi entregue ao embaixador indonésio em Wellington.

Na petição, os parlamentares apelam ao fim imediato das torturas e execuções sumárias de elementos da população e ao fim do genocídio cultural. Este grupo de deputados tentou obter um encontro com o Primeiro-Ministro Jim Bolger, antes da sua partida para uma viagem que o levou à Indonésia e à Malásia, a fim de que ele transmitisse às autoridades de Jacarta as preocupações da Nova Zelândia relativamente à invasão e ocupação de Timor-Leste.

Dos signatários, 11 pertenciam ao Partido Nacional no poder e 37 ao Partido Trabalhista, o maior partido da oposição.

A iniciativa surgiu no seguimento da passagem do video de John Pilger "The Death of a Nation" na televisão neozelandesa, que provocou um sentimento de indignação na opinião pública deste país da Oceania.

CANADÁ: NA RUA POR TIMOR

Cerca de 300 pessoas concentraram-se, no dia 7 de Maio, defronte da Embaixada indonésia em Otava.

Os nomes de 50 manifestantes com menos de 20 anos de idade assassinados em Santa Cruz em Novembro de 91 foram afixados na rua, defronte da embaixada.

Esta acção, da iniciativa do grupo de solidariedade *East Timor Alert Network* daquela cidade, desencadeou de imediato um movimento de escrita de cartas ao MNE canadiano, assim como a assinatura de petições, questionando o apoio do Canadá ao regime de Jacarta.

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1000 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317